

# GT21 ATENDIMENTO PSICOLÓGICO NAS CLÍNICAS-ESCOLA: CONVERGÊNCIAS ATUAIS

Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras (Coordenadora) (USP – efdmsilv@usp.br)

Eliane Mary de Oliveira Falcone (Uerj – falcone@uninet.com.br)

Eliana Herzberg (USP – eherzber@usp.br)

Márcia Regina Marcondes Pedromônico (Unifesp – marciadch.otor@epm.br)

Maria Abigail de Souza (USP – abigail@usp.br)

Maura Alves Nunes Gongora (UEL – maura@uel.br)

Sônia Beatriz Meyer (USP – sbmeyer@usp.br)

Suzane Schmidlin Löhr (UFPR – psicologia@unicenp.br)

Yara Kuperstein Ingberman (UFPR – ingberman@col.psi.br)

## HISTÓRICO DO GRUPO

O Grupo de Trabalho *Atendimento psicológico nas clínicas-escola*, cujo nome define seus objetivos gerais — empreender pesquisas relativas a um atendimento psicológico mais efetivo nas clínicas-escola, de maneira a garantir o alcance do triplice objetivo dessas instituições: pesquisa, ensino e extensão —, ao término de suas atividades no último Simpósio (Serra Negra, SP), antes de destacar suas conclusões finais, fez uma análise da trajetória histórica do Grupo desde sua criação, em 1996.

De modo a fornecer subsídios à definição dos propósitos de atuação do GT no IX Simpósio da ANPEPP, apreciaremos a seguir, nas próprias palavras do Grupo, a análise histórica de seus desenvolvimentos ao longo do tempo, elaborada, em conjunto, no VIII Simpósio. Em seguida, exporemos as idéias da equipe acerca da importância da existência de um GT nos Simpósios da ANPEPP e suas conclusões sobre seu trabalho naquele e em outros Simpósios. Após essas considerações, descreveremos as evoluções pelas quais o GT passou entre 2000 e 2002.

"O enfoque do Grupo nas reuniões do VI Simpósio foi a caracterização da população atendida nas clínicas-escola e de alguns serviços por elas oferecidos. No Simpósio seguinte (1998), foram discutidas questões referentes ao papel das clínicas-escola na formação do aluno de graduação e de pós-graduação, no sentido de conciliar demandas da clientela com o interesse na formação do aluno. Em função disso, foi discutida a necessidade de integração dos objetivos da clínica-escola com o desenvolvimento e funcionamento dos currículos dos cursos de Psicologia. No VIII Simpósio, o Grupo ampliou a discussão trazendo uma diversidade de trabalhos de: intervenção, prevenção e fundamentação teórica, além da utilização de diferentes recursos e instrumentos de registro do fluxo do cliente dentro da clínica. Um fórum dessa natureza constitui um privilégio, onde os pesquisadores, de fato, podem discutir e ter contribuições importantes para seus trabalhos. Essa modalidade permite o intercâmbio de diferentes formas de trabalho em diferentes abordagens: contribuições teóricas, intervenções (preventivas e terapêuticas), materiais de avaliação e modelo de organização de clínica-escola".

A partir dessa análise histórica e à guisa de conclusão, foram destacados, pelo Grupo, "três pontos principais, relativos à importância dos Simpósios da ANPEPP: (1) divulgação e aplicação dos instrumentos brasileiros ou validados para população brasileira; (2) possibilidade de resultados de pesquisas de uma equipe de uma universidade serem utilizados pela equipe da outra; (3) facilitação de pesquisa conjunta sobre as formas de registrar e arquivar dados da clientela das clínicas-escola".

Entre os anos de 2000 e 2002, norteados por esses três pontos, muitos trabalhos de pesquisa foram desenvolvidos pelos integrantes do Grupo. Também, nesse período, houve uma integração constante entre os membros do GT, através da participação de vários deles em reuniões científicas comuns e em diversas bancas de defesa de trabalhos de pesquisa. Tal integração parece ter aumentado, ainda mais, graças aos treinamentos efetuados no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo, envolvendo vários alunos iniciantes em pesquisa oriundos de diversos centros de formação dos componentes do Grupo. Foram tais evoluções que levaram às convergências atuais, ou seja, ao esboço de um projeto temático nacional de pesquisa, que, delineado pela Coordenadora deste GT, com a colaboração da Prof.<sup>a</sup> Sônia Meyer (colega de trabalho do Programa de Pós-Graduação da USP), abrange vários pesquisadores nacionais, além dos componentes do GT de 2000, todos com pesquisas voltadas a questões relativas ao atendimento psicológico em clínicas-escola.

O projeto temático *Avaliação da competência social e dos distúrbios de comportamento através do CBCL (Child Behavior Checklist, lista de verificação comportamental para crianças/adolescentes) de crianças brasileiras encaminhadas para avaliação psicológica em clínicas-escola de Psicologia situadas em diferentes regiões do País* foi apresentado à FAPESP em novembro de 2001 (Processo n.º 01/12995-0) e, no momento, aguarda manifestação do órgão sobre pedido de auxílio à pesquisa.

A implicação imediata desse projeto é orientar pesquisadores de diferentes clínicas-escola (participantes ou não da pesquisa envolvida), de acordo com a realidade regional vigente. Os resultados fornecerão elementos de definição quanto aos tipos de projetos de intervenção psicológica aos quais deverão envidar esforços. Esses estudiosos poderão, em vista dos resultados da pesquisa, verificar a necessidade de novos projetos regionais ou nacionais. Além disso, o estudo pode ser visto como o primeiro passo na direção do alcance de normas empíricas brasileiras para o instrumento CBCL (usado por todos os pesquisadores do Grupo) e que, regionalizadas ou não, serão o ponto de partida de novas pesquisas derivadas da presente.

## OBJETIVOS E PROPOSTA DE TRABALHO NO SIMPÓSIO

A partir do exposto, podemos avaliar o grau de pertinência dos pontos levantados pelas reflexões do GT no último Simpósio, especialmente, se considerarmos sua consonância tanto com os objetivos do projeto temático quanto com a proposta central do IX Simpósio: *Pós-graduação e pesquisa em Psicologia*: estreitando laços com a realidade brasileira. Além disso, podemos aquilatar o nível de envolvimento de todos os componentes com a continuidade das discussões no próximo Simpósio da ANPEPP.

Deriva dessa exposição a definição de dois objetivos específicos para o trabalho do Grupo no Simpósio:

- Discutir a evolução do cronograma das várias etapas de investigação do projeto temático nacional que envolve os componentes: p. ex., treinamento para aplicação e digitação dos CBCL nas clínicas-escola e produção de textos relativos aos dados individuais de sua clínica-escola.
- Dar continuidade às discussões baseadas em pesquisas empíricas levadas a efeito por seus membros, atrelando-as, direta ou indiretamente, ao projeto temático e aos objetivos centrais do GT.

Para alcançar o primeiro desses objetivos, pretendemos despender cinco horas de trabalho já no primeiro dia do Simpósio. (Em virtude de nossa experiência com o cronograma dos Simpósios anteriores, acreditamos que isso seja possível, uma vez que sempre houve um período sem atividades planejadas pela Coordenação imediatamente após a chegada ao local do Simpósio. É nesse período que pretendemos discutir a evolução do cronograma do projeto temático, mas, caso não possamos executar o que planejamos, deveremos diminuir o tempo destinado às discussões das pesquisas, nos dois dias seguintes.)

Nos dois dias subseqüentes, pretendemos abranger 20 horas de trabalho, de modo a alcançar o segundo objetivo. Uma vez que dois pesquisadores: Manoel Antônio dos Santos e Zilda Aparecida Pereira Del Prette, participantes do projeto temático e membros de outros GT, se interessam pelos resultados de nosso Grupo, e uma vez que os interesses de dois membros deste GT: Suzane Lóhr e Eliane Falcone, se vinculam, também, aos resultados de outros GT, deixaremos o dia 1.º de setembro para a discussão das conclusões finais entre Grupos com temáticas afins. Uma vez que 10 docentes participam deste Grupo, a apresentação das pesquisas para discussão será limitada a um período de 30 minutos para cada participante, e a discussão, também, será limitada a 30 minutos cada, o que resultará num total de dez horas de trabalho, no mínimo. Pretende-se, nesse dia, ainda, despendar duas horas com a elaboração, por escrito, dos pontos gerais de discussão, que deverão compor um painel como resultado do trabalho do Grupo.

No dia 31 de agosto, serão analisados os principais pontos levantados no dia anterior e serão formuladas as conclusões a serem apresentadas aos grupos de temáticas afins, no dia seguinte. Desse trabalho, que, como o anterior, supõe mais de dez horas de atividades, resultará o mencionado painel. Os participantes, portanto, deverão elaborar previamente e levar em disquetes, para os Simpósios, os pontos centrais de suas pesquisas, para que eles possam, também, constar do painel a ser apresentado como finalização das atividades, no dia 1.º de setembro.

## AVALIAÇÃO

Julgamos que a maneira mais concreta de se avaliar o presente GT é entrando em contato com a produção resultante de suas atividades. Em nosso entender, nosso Grupo tem-se mantido ativo por um período prolongado (oito anos) devido ao grande intercâmbio de seus componentes, antes, durante e após os Simpósios. Como fruto dessa articulação, tem-se uma produtividade de alto nível, cujas perspectivas são de crescimento ainda maior a partir do desenvolvimento do projeto temático antes mencionado. Isso nos permite concluir que a continuidade do GT *Atendimento psicológico nas clínicas-escola* se impõe, e que sua participação no próximo Simpósio se justifica.

## RESUMOS GT 21

### OS GRUPOS DE ESPERA RECREATIVOS EM DIFERENTES TIPOS DE PESQUISA EM CLÍNICAS-ESCOLA (R 21/1)

Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras (Universidade de São Paulo)

Ter fontes diversas de informação sobre o comportamento da criança, de modo a delinear uma estratégia de intervenção que possa responder a suas necessidades, é um ponto que tem unificado o contingente de psicólogos clínicos infantis. Esse ponto foi amplamente atendido quando foram criados grupos de espera recreativos na clínica-escola do Instituto de Psicologia da USP, com o intuito de diminuir a taxa de evasão e, também, como suporte para espera de crianças que aguardam a orientação de suas mães. Ambos os tipos de grupo têm fornecido subsídios à observação dos comportamentos infantis alvos da queixa e, por isso mesmo, têm se constituído em elementos fundamentais a uma avaliação diagnóstica mais eficiente. São discutidas as diferenças entre dados qualitativos e quantitativos dos dois tipos de grupos já implantados na clínica-escola do IP-USP, em dois tipos de pesquisa de intervenção psicológica levados a efeito no órgão, com crianças enuréticas e com queixas de agressividade.

### ADAPTAÇÃO DO ÍNDICE DE REATIVIDADE INTERPESSOAL PARA AMOSTRAS BRASILEIRAS (R 21/2)

Eliane Mary de Oliveira Falcone, Maria Cristina Ferreira, Rachel Shimba Carneiro, Lívia de Matos Chicayban, Viviane Azevedo, Katia Cilene Silva, Simone Agadir de Azevedo Santos, A. L. B. Pedrozo (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

O conceito atual de *competências sociais* inclui habilidades assertivas e empáticas, mas as medidas de habilidades sociais construídas ou padronizadas para a população brasileira avaliam, principalmente, o comportamento assertivo. Este estudo pretendeu adaptar uma escala de empatia: o Inventário de Reatividade Interpessoal, para amostras brasileiras, através da investigação de suas características psicométricas, com o objetivo de obter uma avaliação de auto-informe complementar às já existentes.

A escala é composta de 28 itens do tipo Likert, a serem respondidos numa graduação de cinco pontos, variando de "Não me descreve bem" a "Descreve-me muito bem". Após serem traduzidos, de forma independente, por duas pessoas que tinham como língua materna o português e bons conhecimentos em inglês, os itens do IRI foram aplicados numa amostra constituída de 453 estudantes universitários (33% de homens e 67% de mulheres), com idades variando entre 17 e 61 anos (média de 23,32), matriculados em cursos da área humana, social e tecnológica de diferentes universidades do Rio de Janeiro. A versão brasileira da IRI foi submetida à verificação de sua validade interna ou de construto, efetuada através da realização de análises fatoriais exploratórias, nas quais foram adotados os métodos dos componentes principais e dos eixos principais, e sua precisão foi avaliada através da análise de sua consistência interna, calculada através do coeficiente alfa de Cronbach. Com relação à estrutura interna da escala, os resultados evidenciaram que a solução trifatorial era a mais adequada para ambos os sexos, diferenciando-se da escala original, de quatro subescalas: adoção de perspectiva, preocupação empática, fantasia e mal-estar pessoal; contudo, por não se definir como fator independente, no presente estudo, a subescala de preocupação empática foi retirada da versão brasileira do instrumento, enquanto as três restantes apresentaram índices de consistência interna razoáveis:  $F1 = 0,76$ ,  $F2 = 0,67$  e  $F3 = 0,78$ , na amostra masculina, e  $F1 = 0,74$ ,  $F2 = 0,71$  e  $F3 = 0,77$ , na amostra feminina, o que recomenda sua utilização em pesquisas como instrumento útil à avaliação da empatia. Sugere-se, entretanto, que futuros estudos examinem os motivos por que a subescala de preocupação empática, em amostras brasileiras, se apresenta como dimensão ora associada à adoção de perspectiva, configurando uma concepção mais ampla da empatia, ora à fantasia, o que pode refletir uma negação dessa habilidade social. A realização de estudos poderá contribuir para a clarificação teórica da empatia e fornecer subsídios valiosos à elaboração de instrumentos de avaliação que captem, de forma mais precisa, as diversas modalidades através das quais tal construto se expressa e se manifesta. (FAPERJ/Uerj)

#### **IMPORTÂNCIA DA INFRA-ESTRUTURA NA CLÍNICA-ESCOLA DURVAL MARCONDES, DO IP-USP: AVANÇOS (R 21/3)**

**Eliana Herzberg** (Universidade de São Paulo)

Será apresentada uma descrição do funcionamento atual da Clínica Psicológica Durval Marcondes, abrangendo os tipos de atendimentos realizados e suas vinculações às pesquisas na área clínica. Será discutida a importância decisiva da melhoria das condições de infra-estrutura da Clínica (ocorrida recentemente), tanto na qualidade de atendimento à população quanto na utilização, para pesquisa, do material clínico obtido nesses atendimentos. Serão detalhados os avanços ocorridos, que, inclusive, conferiram à Clínica o reconhecimento, por uma destacada agência de fomento a pesquisa, como centro de pesquisas.

#### **DESENVOLVIMENTO INFANTIL EM CONDIÇÕES DE RISCO: ESTUDO DOS MECANISMOS DE PROTEÇÃO PARA SUA OCORRÊNCIA (R 21/4)**

**Márcia Regina Marcondes Pedromônico** (Universidade Federal de São Paulo)

Um conceito central em estudos do desenvolvimento é o de *resiliência*, que é como muitos autores chamam a capacidade de superação das vivências negativas e o enfrentamento das adversidades. Há muitas controvérsias com relação ao conceito, por se constituir num termo ainda muito novo na literatura e nas pesquisas. Algumas vezes, ele é usado como oposto de vulnerabilidade, e seria uma qualidade observada no ambiente e/ou no indivíduo. No entanto, ele parece ter surgido da necessidade de superar o binômio vulnerabilidade/resistência, ancorado nas interações entre fatores biológicos e ambientais, para explicar o sucesso ou fracasso na tarefa evolutiva do ser humano. Assim, aceitamos o conceito de resiliência, que recoloca no indivíduo e suas capacidades

internas a possibilidade de arranjar saídas criativas para situações difíceis, ainda que em condições de vulnerabilidade biológica ou ambiental. Tais considerações decorrem do interesse em estudar o desenvolvimento de crianças de 0-6 anos, enfocando, principalmente, o desenvolvimento psicossocial, cognitivo e de linguagem, entendendo que esses processos, nessa fase do ciclo vital, têm implicações para o futuro do indivíduo enquanto ser humano produtivo para si próprio e sua comunidade. A justificativa para este estudo se apoia na crença de que a detecção precoce de problemas de desenvolvimento previne a perda do potencial humano e reduz a necessidade de serviços educacionais especiais futuros, que são muito caros para o indivíduo, a família e o Estado. Pretendemos investigar o desenvolvimento de crianças de 0-6 anos, em diferentes condições de risco biológico (prematuras, soropositivos para o HIV por transmissão vertical, desnutridos) e ambiental (residentes em favelas e assistidas pelo Projeto Einstein na Comunidade). Partimos das seguintes hipóteses de estudo: (a) condições de nascimento constituem fator de risco ao desenvolvimento mental; (b) condições nutricionais e de crescimento estão associadas ao *status* do desenvolvimento mental nos primeiros anos de vida; (c) o sexo e a idade em que ocorrem a condição de risco e a intervenção se associam ao *status* do desenvolvimento mental; e (d) condições ambientais podem proteger ou afetar o desenvolvimento mental das crianças. Este estudo é parte de uma linha de investigação psicológica dentro do Setor Interdisciplinar de Desenvolvimento do Comportamento e Psicodiagnóstico da Infância e do Adolescente, do Departamento de Otorrinolaringologia/Distúrbios da Comunicação Humana da Unifesp-EPM, e tem por objetivo verificar o desenvolvimento psicossocial, cognitivo e de linguagem num grupo de crianças de 0-6 anos, utilizando diferentes escalas e instrumentos de avaliação psicológica. É questão de nosso interesse verificar se existem diferenças significantes entre as áreas investigadas, nessas crianças em condições de alto risco biológico e ambiental, sempre buscando entender quais os possíveis fatores de proteção para o desenvolvimento.

#### **INTERVENÇÃO PSICOTERAPÊUTICA EM CRIANÇAS AGRESSIVAS NO AMBIENTE ESCOLAR (R 21/5)**

**Maria Abigail de Souza** (Universidade de São Paulo)

Ao desenvolvermos pesquisa anterior com dependentes químicos na Clínica-Escola da USP, através de psicodiagnóstico e psicoterapia, pudemos constatar que o início do consumo de drogas se manifestava, com maior frequência, entre 11 e 17 anos e tinha como precursor o comportamento agressivo e inadaptado ao ambiente escolar. Em função disso, pensamos em atuar preventivamente com crianças de 9-11 anos que apresentassem queixas de comportamento agressivo e fracasso no desempenho escolar, apesar de não terem limitações intelectuais ou problemas orgânicos. Assim, o trabalho passou a ser realizado não só na Clínica-Escola da USP como, também, numa escola municipal, onde oferecemos um atendimento psicológico breve às crianças com esse perfil, incluindo contatos com seus educadores e suas famílias. Obtivemos resultados positivos nessa abordagem, porém, evidenciou-se necessário um atendimento psicológico posterior mais prolongado, para que houvesse manutenção e consolidação desses resultados. Assim, demos continuidade através de uma intervenção ludoterapêutica semanal na própria escola, que possibilitaria a plena expressão da criança em suas manifestações intelectuais e afetivas, objetivando evitar que a forma inadequada de comunicação, através da agressividade, prejudicasse seu desempenho acadêmico, além de trazer problemas de relacionamento com os colegas e o educador — fatores, possivelmente, precursores de sua tendência à transgressão e posterior exclusão social. Estabelecemos, a princípio, que essa ludoterapia teria a duração de um semestre, ao fim do qual, uma avaliação dos resultados nos indicaria a conveniência de término ou continuidade do processo. Embora pareça que o trabalho atinja poucos sujeitos, cabe lembrar que a repercussão de melhoras e progresso de uma criança agressiva que perturba o ambiente escolar pode ser considerada bastante extensa, pois não só ela própria se beneficia como, também, o educador, a família e, mais tarde, o grupo social que deixar de abrigar um possível transgressor.

**PUBLICAÇÕES SOBRE ATIVIDADES EM ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO EM PERIÓDICOS BRASILEIROS (R 21/6)****Maria Lúcia Thiellet Nunes** (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Todas as faculdades ou institutos de psicologia no Brasil possuem um serviço ou clínica de atendimento psicológico com caráter de treinamento/formação do aluno de graduação e, em alguns dos casos, de pós-graduação, bem como o de prestação de serviços à comunidade e fonte de dados para pesquisas. Este trabalho examina, através da leitura e análise de artigos publicados em periódicos brasileiros e oriundos das universidades com cursos de Psicologia e sociedades/associações nacionais de Psicologia, os elementos que constituem tais textos: tipo de atendimento, tipo de cliente/paciente, tipo de pesquisa que o texto produz. Os artigos foram coletados nas revistas do acervo da Biblioteca Central da PUC-RS e da Biblioteca do Instituto de Psicologia da UFRGS, desde o ano/número/volume inicial de cada título de periódico. Os resultados apontam para muitos elementos em comum: pesquisas de levantamento; atividades de avaliação psicológica, psicodiagnóstico e predominância de trabalho psicoterapêutico individual, em grande parte, com aporte psicanalítico; clientela mais freqüente do sexo feminino, presença de crianças em grande número; maioria dos estagiários entre alunos de graduação; pouca atividade de pesquisa diante do manancial de dados que tais locais acumulam. São discutidas questões relativas à consecução de objetivos de ensino, atendimento e pesquisa dos locais de que deriva o material dos artigos.

**DESENVOLVIMENTO DE REPERTÓRIO INTERPESSOAL COM CLIENTES DE LISTA DE ESPERA DE UMA CLÍNICA-ESCOLA (R 21/7)****Maura Alves Nunes Gongora, Edmarcia Manfredin Vila e Jocelaine Martins da Silveira** (Universidade Estadual de Londrina)

A literatura sobre habilidades sociais sugere que, à medida que as desenvolvem, as pessoas tendem a apresentar menos dificuldades psicológicas ou a superar dificuldades já instaladas. Neste estudo, testou-se a hipótese de que pacientes de listas de espera para psicoterapia individual que aderissem a um programa em grupo de desenvolvimento de repertório interpessoal poderiam encurtar a duração da psicoterapia individual ou, talvez, dispensá-la. A pesquisa foi desenvolvida na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina, em que clientes em lista de espera foram selecionados conforme os seguintes critérios: apresentar, entre outras queixas, dificuldades interpessoais; ter idade de 19-40 anos; demonstrar um repertório mínimo (ou nenhum impedimento) para comunicar-se em grupo e aderir ao convite para participar de um grupo que iria intervir, essencialmente, em dificuldades interpessoais. As dificuldades foram avaliadas através de entrevista e inventários, antes e depois da intervenção. Embora o programa fosse em grupo, cada cliente, após a avaliação inicial, foi atendido em duas a quatro sessões individuais, que consistiam na preparação para a inserção no grupo. Na intervenção em grupo, adotou-se como procedimento uma composição de Análise Funcional com Treinamento em Habilidades Sociais. Os terapeutas arranjaram contingências para que os clientes analisassem, funcionalmente, suas dificuldades interpessoais dentro e fora do contexto clínico. Foram utilizadas técnicas comportamentais e procedimentos do TSH para a modelagem de um novo padrão de interação social. Foram utilizadas, para o grupo, 16 sessões de atendimento: 12 semanais, quatro quinzenais e duas mensais, e os clientes que, ao término do programa, não atenderam aos critérios de mudança, principalmente, o de continuar apresentando as principais queixas iniciais, continuaram o atendimento na modalidade individual. Foram selecionados, através de relatos de triagem (feitas anteriormente e desvinculadas da pesquisa), 30 clientes, os quais foram convidados a participar do programa em grupo. Desses, 18 aderiram e participaram da fase preparatória individual, na qual dois desistiram e 16 foram até o fim do programa, divididos em dois grupos, dos quais 14 atenderam aos critérios de mudança e dispensaram a psicoterapia individual e dois continuaram em terapia individual. Os resultados indicam que esse modelo de intervenção pode ser uma alternativa para abreviar as listas de espera; a introdução de uma fase preparatória, individual parece ter prevenido desistências do atendimento em grupo. A integração do TSH com Análise Funcional parece ter sido eficaz, entretanto, ainda é necessário comparar a eficácia desses

grupos com procedimentos mistos e outros apenas com TSH tradicional para testar se há vantagem nos grupos mistos. Finalmente, cabe observar que, embora esse modelo de atendimento tenha-se mostrado útil para atender necessidades de clientes em listas de espera para psicoterapia, disso não resulta que ele pode substituir a psicoterapia, uma vez que foi eficaz com clientes cujas triagens demonstravam um perfil mínimo para responder a uma intervenção do tipo realizado.

#### **ALGUMAS FORMAS DE LIDAR COM DESAFIOS METODOLÓGICOS NO DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS CLÍNICAS (R 21/8)**

**Sônia Beatriz Meyer** (Universidade de São Paulo)

Para conhecer o processo de mudança que ocorre na terapia comportamental, o delineamento de pesquisa mais apropriado é o de sujeito único. Para isso, faz-se necessário o uso de medidas múltiplas e repetidas, mas tem sido difícil encontrar medidas de variáveis dependentes e independentes que sejam significativas e pouco reativas, que interfiram pouco na relação terapêutica e cuja coleta, ademais, não seja excessivamente trabalhosa, como é o caso das transcrições literais de cada sessão de atendimento. Será descrito o método usado por dois pesquisadores em seus atendimentos em clínica-escola. As sessões de atendimento terapêutico foram gravadas em vídeo, e cada pesquisador criou categorias de análise consideradas relevantes para cada caso e para a questão que estava sendo pesquisada. Um dos resultados interessantes e não previstos nesse procedimento *ad hoc* foi que os dois pesquisadores elaboraram categorias que podiam ser usadas com todos os casos atendidos, mostrando um potencial de uso mais generalizado. No primeiro estudo, o registro das categorias foi de ocorrência ou não-ocorrência e, no segundo estudo, esse sistema foi refinado, e cada categoria podia ser avaliada numa escala de 4 pontos.

#### **DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS NA PRÉ-ESCOLA (R 21/9)**

**Suzane Schmidlin Lühr** (Universidade Federal do Paraná)

Considerando a família como origem do processo de socialização do ser humano, cuja expansão gradual se dá através da inserção de outras pessoas no mundo da criança e que ocorre de forma mais intensa com a entrada na pré-escola, estamos realizando, no Centro de Psicologia Aplicada da UFPR, um programa de desenvolvimento de habilidades pró-sociais para crianças de 4-6 anos. Pretende-se, na ANPEPP, discutir esse programa, cuja vocação primordial é preventiva mas que, também, ilustra a característica do desenvolvimento infantil como um todo integrado, em que o processo de maturação afetiva e cognitiva é influenciado pelo meio físico e, principalmente, pelo meio social em que a criança está inserida.

#### **ORIENTAÇÃO PSICOLÓGICA A PAIS COM NECESSIDADES DE ORIENTAÇÃO GENÉTICA NUM CENTRO DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO UNIVERSITÁRIO DE CURITIBA (R 21/10)**

**Yara Kuperstein Ingberman** (Centro Universitário Positivo)

Trata-se do desenvolvimento de projeto multidisciplinar a ser realizado no Centro Psicológico Unicenp, oferecendo orientação genética e psicológica a pacientes portadores de X frágil e suas famílias. Tal projeto deve abranger o estudo genético de pacientes encaminhados pela unidade de neurologia Hospital Infantil Pequeno Príncipe, cujas famílias receberão orientação quanto à conduta a ser adotada, da constatação do quadro a sua evolução e tratamento, o que se estenderá ao paciente e àqueles em relação com ele.